

ALGUNS RISCOS INÚTEIS E ATÉ ABSURDOS DO COTIDIANO

José Raimundo Gomes da Cruz
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

Quando meus filhos, hoje em torno dos 45/50 anos de idade, eram crianças, o mais novo, com total inexperiência, andava a pé, certa vez, entre os carros estacionados e a pista dos veículos, na Rua Haddock Lobo, entre as alamedas Jaú e Santos. Da janela do apartamento onde eu morava com minha família, na Al. Jaú, percebi o grande risco da atitude do meu filho e mostrei ao mais velho, que se dispôs a correr para avisar o irmão para andar sobre a calçada de pedestres.

Não sei a explicação, mas, com certa frequência, algumas pessoas adultas preferem abandonar a segurança bem maior da calçada de pedestres para andar entre o fluxo de carros e os carros estacionados. Chega a ocorrer que duas ou mais (!) pessoas, andando uma ao lado da outra, caminhem entre os carros estacionados e aqueles em movimento.

Observando alguns fatos, cresceu em mim a preferência pela óbvia conveniência das calçadas destinadas aos pedestres, que devem ser cuidadosos mesmo com a momentânea travessia da pista de veículos.

Há anos passando pela Av. Marquês de São Vicente, para deixar meu veículo em concessionária da Rua do Bosque, aqui em São Paulo, comentei com o taxista sobre o absurdo de certo cadeirante de parar sua cadeira de rodas no cruzamento com a avenida usada pelos veículos que vinham da marginal do Tietê, na direção do Pacaembu. De frente para os veículos que passavam pela pista da direita, a cadeira de rodas ocupava quase metade da faixa esquerda, ao lado do canteiro central. Depois de observar isso várias vezes, quando voltava da concessionária de táxi, ou dias depois, quando lá me dirigia para buscar o meu carro após a revisão, notando a falta da cadeira de rodas e seu dono, comentei com o taxista. Tranquilizava-me a provável proibição da perigosa atitude do cadeirante. O motorista de táxi foi logo informando que, por causa de colisão de veículo com a cadeira, o dono desta falecera. Ele soubera do fato por ser seu ponto perto do local.

Há anos, algo inevitável, em Belo Horizonte: quando certa senhora ia abrir seu carro para nele ingressar, foi esmagada por outro carro, em manobra imprudente. A vítima desta faleceu, sem qualquer negligência ou imprudência dela, pelo risco sempre existente nas pistas dos veículos. Note-se que a presença do pedestre que abre seu veículo tem mínima duração. O exemplo de BH é lembrado para salientar o maior risco de quem passeia entre os carros em movimento e os estacionados.

O trânsito dos grandes centros urbanos, às vezes, ocasiona congestionamento de veículos, com faixas desiguais. Pedestres e até motoristas, mesmo percebendo que no cruzamento mais próximo, até as filas de carros com menor número destes devem parar, agem como se *todas as filas estivessem paradas*. Nota-se certo costume de acelerar, nos casos dos motoristas, para ficar mais tempo parado aguardando o semáforo verde. No caso dos pedestres, estes atravessam a faixa de menor número de veículos sem qualquer atenção. O risco de atropelamentos é grande, pois os veículos da faixa livre trafegam sem qualquer cuidado.

Outra prática inconveniente, até nas grandes rodovias: pedestres atravessarem as pistas de veículos em diagonal. Dependendo da distância, o pedestre, a pretexto de reduzir sua caminhada, permanece mais tempo nos trechos mais perigosos das pistas que atravessam.

Diagonal pode não ser palavra entendida por todos. Além de atravessar de costas para o fluxo, vários pedestres o fazem “cortando caminho”, quer dizer em linha reta, mas reduzindo a distância do outro lado, o que significa maior demora no meio da rua ou avenida.

Por falar em rodovias, os abusos de motoristas que usam o acostamento como faixa opcional continuam perigosíssimos, mesmo com o severo agravamento das multas respectivas. Em qualquer caso, o acostamento utilizado deve ser do lado contrário ao fluxo de veículos, de modo que o pedestre os veja, em alguma emergência.

Mesmo andando sobre as calçadas de pedestres, estes devem prestar muita atenção nas saídas de garagens, principalmente quando não há intervalo em que os carros fiquem visíveis. Não basta alguma sinalização da saída do veículo, se o motorista deste sai abruptamente, como se a calçada de pedestre lhe pertencesse.

A propósito das motos, que trafegam *entre os veículos*, e não como um destes, os riscos dos seus usuários e dos pedestres são frequentes. Se, por exemplo, o táxi não parar bem próximo da calçada de pedestres (da “guia” desta), é possível que alguma moto passe entre o táxi e a calçada, o que já aconteceu comigo, como passageiro do táxi (por sorte, a moto parou menos de um metro antes da porta do táxi, pela qual eu descia).

Voltando aos casos citados de congestionamentos de apenas uma ou algumas faixas da pista de veículos, o pedestre deve tomar cuidado maior, pela facilidade das motos para passarem até entre os veículos parados.

Que deve fazer o motorista que veja algum pedestre incauto caminhando sobre a pista dos veículos, especialmente em diagonal e de costas? Deve alertar o pedestre com a buzina. Esta deve ser evitada, mas não quando puder alertar alguém no trânsito, especialmente havendo risco de atropelamento.

A propósito de trânsito, principalmente o urbano, que associações de ideias se podem fazer com bola, patinete, patins etc.?

Retomando minhas memórias da distante infância – meu livro “Espinosa, anos 40 – depoimento de um menino curioso” (São Paulo : 1997), relembro a bicicleta Husqvarna que ganhei do meu pai e usei muito, antes da mudança, em 1951, para Belo Horizonte. Mesmo com o trânsito menor da época, desisti de alugar bicicletas por perceber os graves riscos do trânsito já intenso, em comparação com a minha terra citada. Com o tempo, até me ocorreu certa comparação entre o mar, o rochedo em que as ondas se quebram e os moluscos presos nas grandes pedras: os ciclistas no trânsito das grandes cidades se comparam aos moluscos, sobre os quais as grandes ondas se quebram.